



A Cidade como uma Rede de Paisagens Estimulantes: Considerações sobre a Composição dos Espaços Livres, seus Elementos de Destaque e Monumentos

***The City as a Network of Stimulating Landscapes: Considerations on
the Composition of Free Spaces, their Outstanding Elements and
Monuments***

***La ciudad como red de paisajes estimulantes: consideraciones
sobre la composición de los espacios libres, sus destaques y
monumentos***

Recebido em 09/04/2020 Aceito em 01/07/2021

MEDEIROS, José Marcelo Martins¹

MELO CESAR, Luiz Pedro de ²

¹Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Tocantins. Palmas, Tocantins, Brasil.
medeirosjose@gmail.com
ORCID: 0000-0002-2554-8289

²Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
luizpedrodemelocesar@gmail.com
ORCID: 0000-0002-3367-4170



Resumo

Este artigo busca explorar questões relacionadas à estrutura das cidades, a partir do entendimento do papel dos espaços livres na percepção dos seus usuários e na própria vida cotidiana das cidades. Para isto, são analisados aspectos ligados à funcionalidade e a própria configuração espacial dos espaços livres. O objetivo da pesquisa é explorar questões já apontadas por autores e aplicar as teorias levantadas em exemplos de cidades tradicionais e novas. A metodologia consiste na revisão bibliográfica de autores que trataram do próprio fenômeno topológico, cujos entendimentos apontam para a cidade como um sistema de espaços livres interconectados, com hierarquias e sentidos próprios e, com determinados arranjos espaciais recorrentes. A aplicação destes entendimentos teve como resultado de pesquisa a identificação destes arranjos espaciais, em praças com monumentos e elementos de destaque, servindo de exemplos para ajudar a entender e verificar a importância destes elementos para a estruturação das cidades, sua percepção e relacionamento com seus habitantes. Como conclusão percebe-se que a maneira de ver e organizar os espaços livres, principalmente a partir do período barroco, é até hoje recorrente no planejamento de cidades no mundo, enfatizando a monumentalidade com aspectos simbólicos e uma ideia de ordem e disciplina nos arranjos espaciais.

Palavras-Chave: Sistema de espaços livres; monumentos; marcos visuais

Abstract

This article seeks to explore issues related to the structure of cities, from the understanding of the role of free spaces in the perception of its users and in the daily life. To accomplish this, the aspects related to functionality and the spatial configurations of free spaces are analyzed. The objective of the research is to explore issues already pointed out by authors and apply the theories raised in examples of traditional and new cities. The methodology consists of a bibliographic review of authors who dealt with the topological phenomenon itself, whose understandings point to the city as a system of interconnected free spaces, with its own hierarchies and meanings, and with certain recurrent spatial arrangements. These understandings resulted in a research to identify spatial arrangements, in squares with monuments and prominent elements, serving as examples to understanding and verifying the importance of these elements for the structuring of cities, their perception and relationship with their inhabitants. In conclusion, it is clear that seeing and organizing free spaces, especially from the Baroque period, is still recurrent in the planning of cities around the world, emphasizing monumentality with symbolic aspects and an idea of order and discipline in spatial arrangements.

Key-Words: System of open spaces; monuments; visual landmarks

Resumen

Este artículo explora cuestiones como la estructura de las ciudades, del papel de los espacios libres en la percepción de sus usuarios y en la vida cotidiana de las ciudades. Se analizan aspectos relacionados con la funcionalidad y la configuración espacial de los espacios libres. El objetivo de la investigación es explorar cuestiones ya señaladas por los autores y aplicar las teorías planteadas en ejemplos de ciudades tradicionales y nuevas. La metodología consiste en una revisión bibliográfica de autores que abordaron el fenómeno topológico, cuyas comprensiones apuntan a la ciudad como un sistema de espacios libres interconectados, con sus propias jerarquías y significados, y con ciertos ordenamientos espaciales recorrentes. La aplicación resultó en una investigación para identificar estos arreglos espaciales, en plazas con monumentos y elementos destacados, sirviendo como ejemplos para ayudar a comprender y verificar la importancia de estos elementos para la estructuración de las ciudades, su percepción y relación con sus habitantes. Es evidente que la forma de ver y organizar los espacios libres, especialmente del período barroco, sigue siendo recurrente en la planificación de las ciudades de todo el mundo, enfatizando la monumentalidad con aspectos simbólicos y una idea de orden y disciplina en el espacio.

Palabras clave: Sistema de espacios libre; monumentos; hitos visuales



1. Introdução

A valorização de determinados espaços livres da cidade, parece estar vinculada a um determinado caráter eminentemente afetivo e simbólico, no entanto revela algo maior, algo presente no entendimento da estrutura da cidade como um todo e que também interfere no seu funcionamento. Desde a antiguidade, a existência de elementos de destaque, como monumentos e objetos artísticos parece influenciar neste processo de percepção das cidades e do sentimento dos usuários do espaço urbano. Neste sentido, os espaços livres são mais do que meros espaços funcionais que abrigam atividades. Eles se relacionam com a maneira de como pessoas entendem a cidade e até de como se locomovem.

De fato, elementos de destaque dispostos de maneira aparentemente dispersos em praças, ruas e avenidas, constituem fatos urbanos da vida pública que sugerem transcender positivamente a sua mera existência física e configurativa. Mas, como produzir tais fatos urbanos? Há muito tempo esta pergunta inquieta e fascina arquitetos, urbanistas e paisagistas. Vários exemplos de reformas urbanas antigas e atuais sugerem que se trata de uma questão de apenas gerar interesse nos espaços livres por meio do embelezamento, recorrendo aos recursos de ornamentação. Aliás, esta tem sido uma questão recorrente na prática urbanística, principalmente a partir do século XIX, com inúmeras reformas urbanas em várias cidades do mundo, nas quais percebemos uma prática recorrente de inserção de elementos decorativos, especialmente em praças e parques.

Numa linha bastante diversa do raciocínio da ornamentação, Frampton (1991) acredita que o recurso aos monumentos seja uma maneira de reagir ao triunfo da banalidade dos espaços urbanos. Portanto, vai além da questão da mera ornamentação do espaço público. Ele aponta que é necessário enriquecer as relações entre o espaço e o homem, gerando relações afetivas e de interesses, portanto, mais ricas que o caráter meramente estético, ou ainda, da necessidade de ser algo funcional. Ele aponta para a relação afetiva e emocional, para o simbólico com representação social e política. As manifestações públicas ocorridas ao longo do século XX, e mesmo no século XXI, com recorrentes destruições de monumentos de líderes e governos depostos, ou de elementos que remetam às práticas e momentos sociais e políticos refutados, como o nazismo e o racismo, demonstram como as associações simbólicas são poderosas dentro do imaginário coletivo. No entanto, mesmo o objeto com significado necessita de aspectos configurativos para ser ressaltado, para estimular a percepção e ser presente na imagem coletiva da estrutura das cidades.

O gosto pelo monumento ou pelos elementos de destaque na cidade, tão característicos das cidades tradicionais, especialmente após o século XVII e o barroco em particular, parece ter voltado associado à discussão da arquitetura e da cidade como lugar de conteúdo significativo ou simbólico forte. Rossi (1982) chega a atribuir um papel preponderante aos lugares monumentais na ordenação da cidade. Estes espaços contêm aspectos significativos que vão além da questão configurativa, se caracterizando como fatos urbanos primários. Estes fatos primários são núcleos mais sólidos na malha urbana, configurando nós estruturais de uma rede de significação, não apenas do ponto de vista da percepção da cidade, como propõe Lynch (1960) e Cullen (1983), mas como focos irradiadores de atividades, típicos de uma operação funcional do espaço.

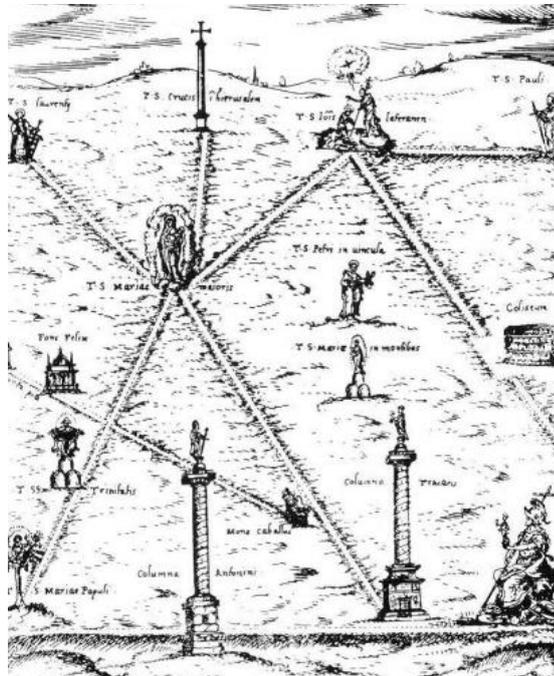
Esses fatos urbanos primários são espaços que funcionam desempenhando um papel decisivo na formação das cidades. O papel dos monumentos e dos espaços livres tidos como fatos urbanos primários está relacionado à estruturação das cidades, dotando-as de um caráter simbólico e estético, profundamente relacionado com a construção da sua própria identidade.

Neste contexto, a estrutura das cidades é um fenômeno perceptivo que se estabelece como um conjunto de fatos urbanos importantes, definidos como as paisagens marcantes que participam da vida cotidiana da população. Alguns arranjos espaciais são recorrentes ao longo da história das cidades,

repetições que suscitam determinados valores e percepções compartilhados. Portanto, a cidade pode ser entendida como uma rede de lugares significativos, com relações funcionais e visuais que se ligam de maneira mais forte ou fraca dependendo dos elementos presentes na configuração espacial (Cesar, 2003).

Um bom exemplo de estrutura urbana que se estabelece como uma rede equilibrada de espaços urbanos significativos é a cidade de Roma. Várias reformas foram empreendidas pelo Papa Sisto V, para legitimar a cidade como sede do poder papal. As intervenções feitas ligaram vários pontos importantes da cidade, enfatizando monumentos existentes e os ligando por meio de vias em forma de eixos, constituindo perspectivas e cenários monumentais (Figura 01). Monumentos, vazios, edificações importantes e equipamentos urbanos se conectam como paisagens planejadas em forma de circuito, criando uma estrutura facilmente compreensível e bastante pregnante¹. Este processo também é aplicável a qualquer cidade, pois de maneira análoga apreendemos as estruturas das cidades a partir dos seus espaços livres mais significativos.

Figura 1: “Veduta Schematica del Piano Stradale Ideato da Sisto V”, de Giovanni Francesco Bordino, 1588.



Fonte: Bacon, 1978, p. 138.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar aspectos relevantes para o entendimento dos sistemas de espaços livres, entendidos como elementos fundamentais para o fenômeno de percepção da cidade, identificando elementos e arranjos espaciais. No entanto, vale salientar que neste contexto se faz necessário compreender algumas relações que extrapolam o âmbito do espaço livres, pois é necessário estabelecer uma ideia de interdependência e ligação entre os vários espaços livres entre si. Pois é nesta combinação de pontos essenciais e importantes que reside a identidade das cidades.

2. Desenvolvimento

2.1. Referências teóricas e metodológicas

O desenvolvimento e a configuração das cidades são temas amplos que suscitam várias abordagens e interpretações. O enfoque da percepção urbana é uma vertente que vem se consolidando como uma

¹ Pode-se considerar que um objeto apresenta alta pregnância quando este está em equilíbrio máximo, claro e unificado visualmente, com o mínimo de complicações em sua composição (LIMA, 2014, p.50).



área específica de pesquisa ao longo do século XX, tratados por diferentes áreas do conhecimento. Vários autores ressaltam a relação da forma urbana com a percepção individual e coletiva, seus valores e significados. Neste contexto, é assumida a premissa de que o contexto urbano, apesar de complexo e abarcar distintos olhares, é um fenômeno que pode ser descrito a partir das suas características formais, pois a cidade se consolida como uma rede de espaços livres e edificados com usos distintos a partir de um arranjo e significado próprio.

Este arranjo espacial também estabelece uma identidade que suscita um sentimento de afetividade e pertencimento àquela determinada configuração urbana dentro do contexto da cidade. Foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema com os autores: Sitte (1993), Gregotti (1975), Cullen (1983), Lynch (1960), Kohlsdorf (1996), Frampton (1991), Rossi (1982), Holanda (2002).

Em uma vertente mais ligada à percepção, Sitte (1993) salienta sua percepção artística sobre os espaços livres das cidades europeias, em particular das praças medievais. Seu enfoque é específico e trata da relação de aspectos funcionais e topológicos em exemplos de largos e praças vinculados a equipamentos urbanos importantes das cidades, tais como igrejas, mercados e prefeituras. Sua abordagem influencia esta pesquisa na identificação de aspectos formais importantes a serem analisados nos espaços livres, em especial sobre a inserção de elementos artísticos.

Na mesma vertente, Cullen (1983) trata da paisagem urbana de maneira muito objetiva e intuitiva, focando na percepção visual. Seus conceitos serviram de base instrumental para a avaliação da percepção dos espaços urbanos. Na mesma linha, Lynch (1960) realizou pesquisas empíricas em diferentes cidades americanas, verificando como as pessoas percebem e organizam informações aleatórias quando trafegam por um determinado trajeto em diferentes meios de transporte. Já Kohlsdorf (1996) desenvolve uma abordagem sobre a apreensão da forma dos lugares. Para esta autora, a facilidade ou a dificuldade de compreender as cidades depende dos atributos formais que caracterizam suas formas. Estes autores demonstram a importância da configuração espacial para as cidades e o papel dos espaços livres no contexto urbano em geral, estabelecendo uma ideia de rede de espaços livres significantes, ideia fundamental para esta pesquisa. Pois espaços livres que têm destaque, configuram fatos urbanos importantes que se ligam entre si, sejam em trajetos percorridos a pé, de bicicleta, a cavalo, de carro, trem ou qualquer outro meio de transporte, assim estabelecendo a estrutura perceptiva da cidade.

Em uma vertente que salienta a questão simbólica como fundamental, Rossi (1982) amplia a visão ligada a percepção, parece querer ressuscitar velhos valores e relações que os espaços guardam através da sua história, e que caíram no esquecimento ao longo do século XX, em uma atitude de negação do passado. Na mesma linha de raciocínio, Frampton (1991) apresenta a defesa de uma arquitetura com “ressonância expressiva” através da profundidade cultural revelada na arquitetura. Para ele, a maturidade arquitetônica de uma cidade só é possível por meio de uma produção crítica da realidade material. Por sua vez, Holanda (2002) busca compreender a cidade como fenômeno espacial e social, analisando implicações comportamentais relacionadas às formas urbanas. O autor procura entender a lógica social por detrás do gesto espacial em diferentes sociedades e períodos históricos. Tal reflexão se conecta com a ideia de rede de espaços livres, à medida que as conexões entre os espaços representam maior possibilidade de percursos e maior apropriação pública do espaço urbano.

A pesquisa bibliográfica proporciona a identificação de aspectos que serão trabalhados pelos autores, no intuito de relacionar os temas abordados pelos autores com a identificação de aspectos de configuração urbana relevantes, no intuito de estruturar o entendimento da cidade como uma rede de paisagens estimulantes. Como método de trabalho, serão analisadas fotos de cidades, as quais serão identificados aspectos formais dos espaços livres e seus elementos, de maneira a revelar um repertório de arranjos espaciais com configurações recorrentes nas estruturas das cidades. Entende-se



que estes arranjos podem ser reproduzidos em outras cidades e que ao fim e ao cabo, ajudam a qualificar os espaços livres com determinadas características e valores associados.

Por fim, o foco deste artigo é demonstrar que o contexto urbano pode ser enriquecido, quando for formado por uma rede formada pelos trajetos que se cruzam em uma cidade, cujos pontos de interseção que reproduzem os arranjos espaciais mencionados neste artigo, representam locais potenciais para receber monumentos e elementos de destaque, pois são capazes de carregar conteúdo simbólico suficiente para despertar mais que a mera percepção forte. Por fim, entende-se que determinados arranjos espaciais promovem fatos urbanos importantes para os habitantes das cidades e facilitam o entendimento espacial dos usuários.

2.2. Aspectos dos marcos visuais da cidade e a estrutura urbana

Cada cidade tem sua malha própria que guarda relações com os equipamentos urbanos. A singularidade de uma cidade, assim como sua capacidade de suscitar uma imagem forte para as pessoas que a percebem, depende em parte, da capacidade desta malha ser percebida como algo organizado e compreensível.

A noção de organização é muito relacionada a ideia de ordem, disciplina e geometria, embora não seja o fator determinante para a compreensão da estrutura urbana, capaz de dar identidade aos lugares. Assim, tanto cidades com traçados formais e regulares, como as cidades com traçados irregulares são capazes de estabelecer uma percepção clara de estrutura (Cesar, 1997). De maneira geral, é desejável que as estruturas dos espaços livres das cidades sejam percebidas de maneira clara, organizada, singular e original, com fácil compreensão.

Apesar da compreensão da cidade como uma rede ou malha ser uma abstração de quem observa a cidade do alto, as colocações anteriormente feitas não são inválidas, mas carecem de uma complementação da verdadeira experiência do observador e usuário do espaço urbano.

A verdadeira percepção urbana é a vivida pelo pedestre, pelo ciclista, pelo motorista veicular. Esta experiência não absorve a lógica global descrita anteriormente, pois estabelece uma percepção a partir dos fragmentos da totalidade. Estes são absorvidos parcialmente por meio da visão e dos demais sentidos. Na verdade, o que é percebido são perspectivas de campos visuais maiores ou menores, que vão sucessivamente se alterando conforme as pessoas se locomovem na cidade.

Os cruzamentos de vias ou trajetos oferecem a possibilidade de mudança de direção e conseqüentemente de combinações de fragmentos de percepção urbana. A própria possibilidade de mudança já incorre em algo significativo que chama atenção como fato urbano significativo. Logo, os cruzamentos ou conexões são espaços privilegiados para a ocorrência de elementos e equipamentos urbanos importantes.

Apesar dos cruzamentos constituírem elementos importantes para a construção da percepção das cidades, nem sempre isto acontece de maneira forte, o que suscita a ideia de que os espaços têm a capacidade de chamar a atenção com intensidades diferentes. Na verdade, tudo depende da capacidade de estímulo visual ou sensorial que cada espaço oferece. Os estímulos podem ser de diferentes naturezas, mas incorrem sempre em um princípio básico, o do contraste. Quanto mais diferente for determinado elemento em relação ao seu contexto ao redor, mais atenção ele vai receber.

Os elementos podem ser de diferentes naturezas e associados nas configurações espaciais. Podem ser edifícios, estátuas e monumentos, um conjunto de vegetação, ou ainda um largo vazio, que chama a atenção por diferenciar-se do restante edificado do conjunto urbano.

Desta forma os espaços da cidade se articulam criando sequencias de campos visuais em seus

trajetos possíveis. Estes, por sua vez, são marcados por elementos em determinados pontos que fazem com que a experiência perceptiva seja dinâmica e diferenciada, ressaltando em intensidades locais que são mais estimulantes sensorialmente que outros (Cesar, 1997).

Conforme Cesar (1997), se pensarmos nas intensidades de estímulos visuais distribuídos por pontos espalhados pela cidade através de trajetos que se cruzam, fica fácil imaginar as imensas possibilidades de combinações estabelecidas. Seria possível visualizar a cidade como várias linhas conectadas por espaços livres estimulantes, tidos como fatos urbanos interessantes. Estes fatos urbanos podem se destacar e serem medidos por sua intensidade de estímulo, assim como peças diferenciadas de um colar de contas. A cidade pode ser comparada com um emaranhado de colares interconectados por contas maiores e menores. A cidade é, portanto, uma combinação de percursos e percepções que se mesclam e se articulam como sequencias de eventos que são significantes e estimulantes em diferentes níveis, como diferentes contas de um colar.

2.3. Perspectivas urbanas e pontos focais da cidade

A cidade pode ser entendida como um sistema de espaços livres, cuja lógica organizacional enfatiza os fatos urbanos significantes e servem para estabelecer uma estrutura urbana facilmente percebida. Algumas combinações e arranjos espaciais são muito recorrentes e merecem destaque. Entre elas a construção de linhas perspectivas na paisagem e o destaque de alguns elementos, inclusive como pontos focais. Este é um arranjo espacial importante para a estrutura dos espaços livres da cidade e , foi abordado por Cullen (1983), nos estudos de identidade de Lynch (1960) e Kohlsdorf (1996) e, posteriormente no estudo de composições paisagísticas por Cesar (1997).

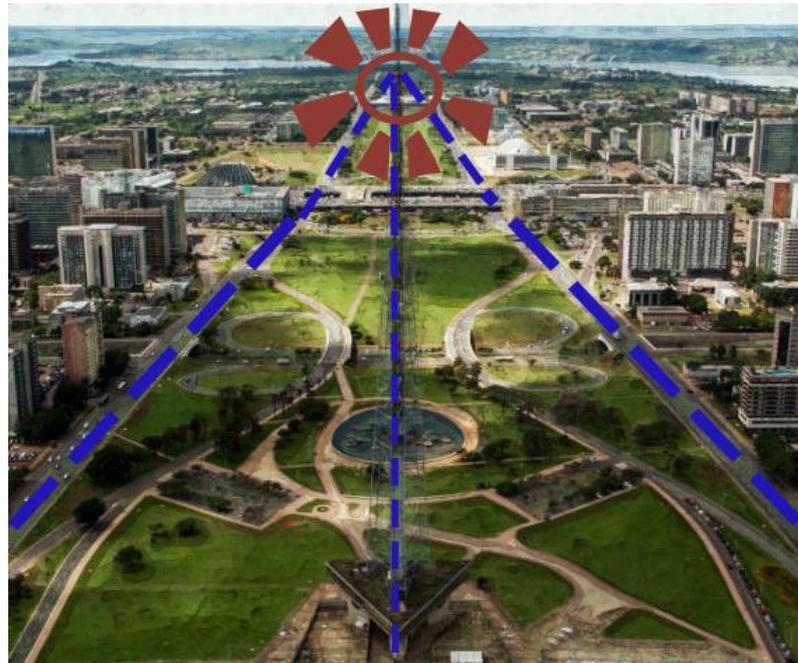
Perspectivas construídas em algumas cidades como Paris (figura 02), Brasília (figura 03) e Roma, ou ainda, em Jardins como em Versalhes, Queluz entre outros, traduzem mais do que a ideia de visão ampla. Ela estabelece uma ideia de controle, poder e monumentalidade que resgatam uma percepção relacionada à matemática e a geometria, presentes desde a antiguidade, como visão de mundo e de natureza a ser domada. Nestes casos, a linguagem formalista predomina e a composição denota a tentativa de enfatizar determinado fato urbano, colocado como ponto focal.

Figura 2: Exemplo de perspectiva Urbana, Arco de Triunfo e arredores, em Paris.



Fonte: adaptação dos autores.

Figura 3: Exemplo de perspectiva Urbana, Eixo Monumental e arredores, em Brasília.



Fonte: adaptação dos autores.

Portanto, um arranjo espacial recorrente, muitas vezes empregado em reformas urbanas e em cidades planejadas, é a utilização de visuais retas e desimpedidas, conhecidas como perspectivas urbanas. Elas podem ser empregadas em grandes ou pequenas escalas e são recursos poderosos para a percepção e identidade da cidade (César, 1997).

Analisando casos de perspectivas urbanas é possível relacionar a ênfase de determinados edifícios e monumentos à sua importância funcional e simbólica. A ligação visual direta entre o observador e determinado ponto de destaque se torna mais do que mero arranjo especial. É quase um discurso imperativo de sujeição àquele objeto. Sobressai uma ideia de clareza visual aonde um ponto focal se destaca e é enfatizado por outros elementos que se organizam na perspectiva enfatizando a profundidade, direcionando o olhar para o ponto focal.

As perspectivas podem ser planas ou em declive, os efeitos visuais são distintos. As perspectivas com níveis diferentes de altura estabelecem um contexto de destaque maior para os elementos que estão como ponto focal, enquanto as perspectivas planas enfatizam objetivos a serem alcançados nos trajetos. Pois, o ponto focal mais alto sugere algo de monumental e de algo separado. Já uma perspectiva plana sugere uma maior relação de ligação, inclusive entre outras perspectivas.

As perspectivas podem ser enfatizadas em qualquer via, pois são locais de circulação importantes para a vida urbana, mas também podem acontecer no interior de grandes espaços livres como praças e parques. Nestes casos servem para criar uma estrutura interna. As perspectivas nestes espaços livres servem para ligar pontos específicos dentro dos parques e praças, bem como para ligar estes ao exterior, como as chegadas de fluxos de ruas e avenidas, ou ainda estabelecer ligação visual com edifícios e monumentos importantes presentes na paisagem.

O direcionamento é o efeito que acentua a sensação de profundidade nas perspectivas. Este é um arranjo formal muito recorrente para estruturar jardins, praças e parques, estabelecendo uma ideia de ordem e disciplina (César, 1997). Nelas, os elementos convergem para um mesmo ponto focal de destaque. Nas ruas das cidades, o direcionamento pode ser feito pelos edifícios que conformam paredes e emolduram a perspectiva, ou com postes de iluminação e outros mobiliários urbanos, ou com o uso da vegetação, como renques e aleias de árvores, palmeiras ou conjuntos vegetais que



dirijam nossa visão para o centro da perspectiva. No caso dos jardins, o direcionamento pode ser estabelecido com canteiros, parterres² e elementos vegetais verticais como palmeiras, arbustos e árvores.

2.4. Padrões de Ocupação de Espaços Livres

As praças são geralmente importantes para a estruturação e percepção da cidade como um todo. Elas são muitas vezes relacionadas às perspectivas urbanas e podem ser tratadas como fatos urbanos significativos, exercendo papel importante no sistema de espaços livres das cidades. No entanto, dependendo do seu tamanho, podem ser subdivididas e estruturadas internamente com perspectivas e destaques menores, estabelecendo uma lógica interna própria, principalmente relacionada à experiência do pedestre.

As praças podem ser subdivididas com diferentes funções, dependendo das atividades esperadas. No entanto, como ressalta Holanda (2002) existe uma lógica que precede as definições funcionais, influenciando na percepção e conseqüentemente no próprio uso. As faces conectadas com as vias são mais expostas e relacionadas à circulação em geral, enquanto os espaços mais internos são mais resguardados. Estas vocações iniciais podem ser decisivas para a escolha de mobiliário e das atividades, e configuram referências primárias para a organização do arranjo espacial. Portanto, as referências primárias dizem respeito à relação da localização com a exposição dos lugares, isto é, concernem à identificação dos espaços que têm suas características potenciais de serem pontos mais expostos ou mais reclusos.

Esta compreensão tem importância na definição de tudo aquilo que será inserido como conteúdo programático no interior, como objetos, mobiliário urbano, circulação de pedestres e/ou veículos, ou ainda os elementos vivos, como a vegetação e até mesmo a presença de pessoas e animais, mesmo que transitória e efêmera. Esta colocação tem como base estudos baseados nos fluxos internos em espaços livres, os quais foram tratados por Holanda (2002) quando trata da sintaxe espacial³.

2.5. Os Monumentos e elementos de destaque como fatos urbanos importantes

O último arranjo espacial importante para o contexto da estruturação dos espaços livres da cidade, diz respeito à inserção de elementos de destaque, muitas vezes com caráter simbólico e tidos como monumentos. Tais elementos no contexto urbano devem ser definidos pela localização, interferindo diretamente na percepção da cidade e até interferindo nas atividades que ocorrem no entorno. Entende-se que tais elementos são fundamentais nos arranjos espaciais da cidade, por esta razão têm destaque neste artigo.

Frequentemente os monumentos estão vinculados a um caráter eminentemente simbólico. Este caráter simbólico é encontrado comumente nas praças principais das cidades, sejam referenciais de bairro ou centrais. Estes espaços livres constituem fatos estruturantes da vida pública e fazem parte da imagem mental⁴ dos seus usuários. A evolução das cidades demonstra como estes espaços públicos tem importância no imaginário coletivo, e apesar da diversidade cultural e da localização geográfica ao longo da história, muitos são os exemplos com pontos em comum.

Como pôde ser visto nesta discussão, a qualificação e a conformação da cidade dependem muito dos seus espaços livres. Todos os cidadãos, independente de classe, gênero, etnia ou escolaridade

² Parterre é derivada do termo "broderie par terre", que em francês significa: bordados no solo. Portanto, o termo parterre indica simplesmente canteiros elaborados (BENOUF, 2001).

³ A sintaxe espacial propõe que a configuração urbana afeta o padrão espacial de deslocamentos das pessoas pela cidade, o que tornaria possível prever quais vias serão mais e menos movimentadas com razoável grau de segurança (HOLANDA et al., 2012).

⁴ As imagens mentais podem ter várias características visuais em comum com objetos ou eventos percebidos. Existem evidências para afirmar que as imagens mentais exibem níveis de resolução que correspondem àqueles presentes em percepções visuais (MENEZES, 2007, p.20).



deveriam poder apropriar-se desses espaços, sendo uma condição importante da apropriação das pessoas com as suas cidades. Dessa maneira, os projetos dos espaços livres aliados ao planejamento urbano devem atentar aos aspectos sociais e naturais que agem em um determinado espaço, uma vez que estes condicionam e são palcos da vida cidadã, como afirma Medeiros (2016) sobre este tema:

“É impossível analisar os espaços livres sem considerar as características socioeconômicas e o uso que é feito desses lugares. No Brasil, existe uma grande omissão do Estado na produção e gestão do sistema de espaços livres, que acabam sendo criados e administrados pela expansão da iniciativa privada, [...], ou seja, de acesso restrito a poucos” (MEDEIROS, 2016, p.39)

A ideia de espaços que contam histórias é bastante recorrente, seja por estabelecer a memória de algo que aconteceu, ou para reforçar princípios pactuados em uma determinada sociedade. Mais do que espaços dedicados a uma determinada finalidade, eles são espaços que geram interesses, curiosidade e estabelecem vínculos afetivos. Espaços livres com caráter simbólico estão associados à recorrência de atividades comemorativas, religiosas e cívicas, e não obstante contém elementos de destaque como monumentos.

Frampton (1991) acredita que o recurso aos monumentos seja uma maneira de reagir ao triunfo da banalidade no meio urbano, eles estabelecem a dimensão do “extraordinário” de maneira estética e configurativa, mas é seu caráter simbólico, carregado de significados compartilhados coletivamente que se impõe na paisagem. Para este autor, os monumentos nos espaços enriquecem as relações e interpretações do homem em relação ao espaço público. Enfim, gera interesse desvinculado do caráter meramente funcional. A presença dos monumentos em espaços estruturantes das cidades faz parte da própria história e são, de fato, registros que contam a evolução cultural do Homem. O recurso aos monumentos tem sido, via de regra, elementos de demonstração de poder, revelando valores e paradigmas hegemônicos das sociedades.

Apesar de nunca abandonados totalmente, os monumentos são importantes para a identidade das cidades, parecem ter perdido espaço no modernismo rodoviário implantado a partir do final do século XIX, influenciado por uma lógica de circulação que não privilegiava a cidade vista como uma teia, cujos nós eram estruturados pelos espaços simbólicos com monumentos. No entanto, a discussão da arquitetura da cidade ainda contempla a ideia de espaços livres estruturantes, como lugar de conteúdo significativo e simbólico forte, como pode ser encontrado na Porta de Toledo, em Madrid (Figura 04).

Figura 4: A “Porta de Toledo” é um exemplo de um monumento que é marco referencial da paisagem, que torna este ponto em um fato primário de significância.



Fonte: adaptação dos autores.

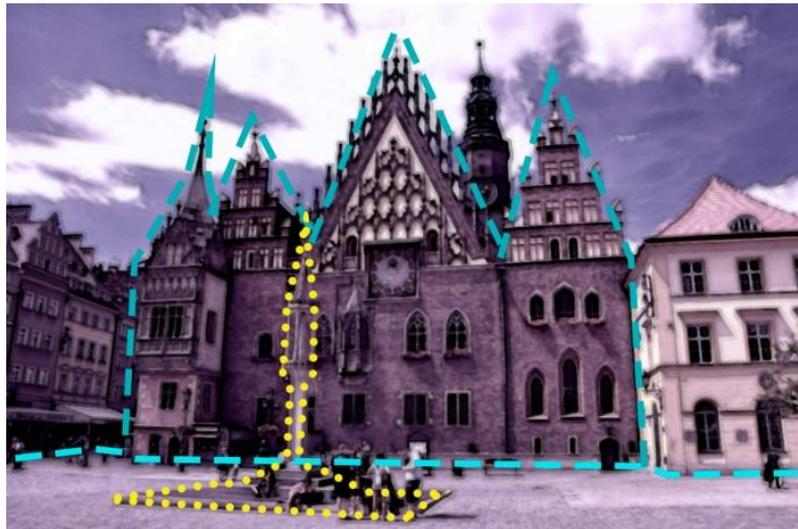
Rossi (1982) atribui um papel importante aos monumentos na ordenação da cidade. Esses espaços livres se tornam nós estruturais de significação, integrando a percepção da cidade como um todo. Na mesma direção, Lynch (1960) relaciona a percepção das pessoas ao contexto dos seus trajetos, salientando a configuração dos espaços como elementos fundamentais para dar a identidade dos lugares. De maneira geral, entende-se que a qualidade da percepção se baseia na capacidade de estimular sensorialmente os usuários dos espaços livres. Apesar do conteúdo das evocações presentes nos monumentos, ainda permanece a incerteza sobre a sua adequabilidade, talvez por isso, a existência de elementos de destaque no contexto urbano, independente do seu caráter funcional, apenas aumente o seu fascínio. Arantes (1993) afirma em relação à existência dos monumentos:

“Este fascínio do monumento o faz mergulhar numa ambigüidade densa de estratificações significantes, [...] com uma margem de arbitrariedade” (ARANTES, 1993, p.141).

Sem dúvida, a questão dos monumentos evoca a qualidade estética dos espaços livres, além da valorização destes como local de encontro de pessoas. Deste modo, existe uma relação entre a presença da “vida urbana” das pessoas e os elementos ornamentais, tais como os chafarizes, espelhos d’água, e os próprios monumentos. A praça de Breslau (Figura 05), exemplificada por Camillo Sitte (1993), é algo que personifica a imagem “pinturesca”⁵ do lugar, ao mesmo tempo que vincula estas qualidades estéticas à capacidade de atração das pessoas, inclusive no que se refere as atividades que ali se desenvolvem.

⁵ Uma nova percepção influenciada pelo movimento romântico do séc. XIX em que a descoberta da natureza era vista como “beleza de todas as maneiras”. Tratava-se de uma resistência filosófica que tentava relacionar a arte às novas descobertas científicas (CÉSAR, 2003, p.37 e p.109).

Figura 5: A praça da prefeitura de Breslau, monumento deslocado do centro, edificações como pano de fundo.



Fonte: adaptação dos autores.

Camillo Sitte salienta que o centro dos espaços livres deve ser desobstruído, devendo estar deslocados dos fluxos principais para não configurar obstáculos. As questões levantadas por Sitte contrastam com princípios renascentistas de composição que previam o centro das praças como locais privilegiados para os monumentos.

Os centros desobstruídos defendidos por Sitte têm paralelismo na discussão moderna dos espaços livres, o qual valoriza maior liberdade nos arranjos espaciais, inserindo vários elementos de destaque, inclusive edificações. Várias praças modernistas consideram o vazio como elemento fundamental. Neste contexto, esculturas e monumentos são elementos secundários. Espaços livres projetados por Oscar Niemeyer (1907-2012) exemplificam uma atitude projetual modernista, no qual o vazio predomina. A Praça dos três poderes, a Praça da República em Brasília (figura 06) e o memorial da América Latina em São Paulo são exemplos desta atitude de relacionar vários elementos de destaque no mesmo espaço livre modernista.

Figura 6: Praça da República em Brasília, projeto modernista de Oscar Niemeyer. Espaços livre cujas edificações são monumentos da paisagem.



Fonte: adaptação dos autores.

Esta discussão suscita questões estéticas que merecem ser exploradas para tratar dos elementos de destaque entre si e a paisagem que o circunda. Esculturas, mobiliário urbano e até edificações podem se destacar do contexto dos espaços livres. O entorno imediato também participa da configuração

permitindo estabelecer um fundo, os edifícios em particular, para os elementos internos.

As estratégias de inserção dos elementos de destaque devem considerar a não obstrução de caminhos e tráfegos predominantes, ao contrário devem ser utilizados para fortalecer a percepção nestes, criando pontos focais com perspectivas dentro dos espaços livres.

Outra estratégia é ressaltar elementos e monumentos relacionando-os com edificações importantes do entorno. Neste caso, podem acontecer duas situações distintas, a primeira é relacionar o elemento de destaque com a edificação e a segunda é tratar a edificação como pano de fundo. Em ambas é necessário observar a composição arquitetônica da edificação, o ritmo e a harmonia dos elementos constituintes, como portas, janelas, colunas etc.

Quando a edificação tem pórticos ou elementos que são importantes na percepção, é recorrente a estratégia de alinhar estes elementos de destaque com aqueles que são inseridos dentro dos espaços livres. Normalmente são chafarizes, obeliscos, esculturas que ressaltam o caráter simbólico do edifício. Normalmente são edifícios públicos ou religiosos que guardam forte relacionamento com os espaços livres imediatos. A Plaza de Mayo em Buenos Aires (figura 07) é um exemplo em que o arranjo espacial da praça está vinculado à edificação, no caso uma fonte da praça se encontra no mesmo eixo da entrada do palácio presidencial. Prédios religiosos também se articulam com espaços livres criando adros⁶ com cruzeiros e outros monumentos religiosos. O Vaticano é um exemplo monumental da sinergia criada entre elementos destaque na praça e a edificação (figura 08). Apesar de vários exemplos de praças renascentistas e barrocas, Sitte com sua visão focada no espaço medieval, considerava que estas disposições prejudicavam o edifício e o monumento, pois estes não eram vistos e admirados em sua singularidade.

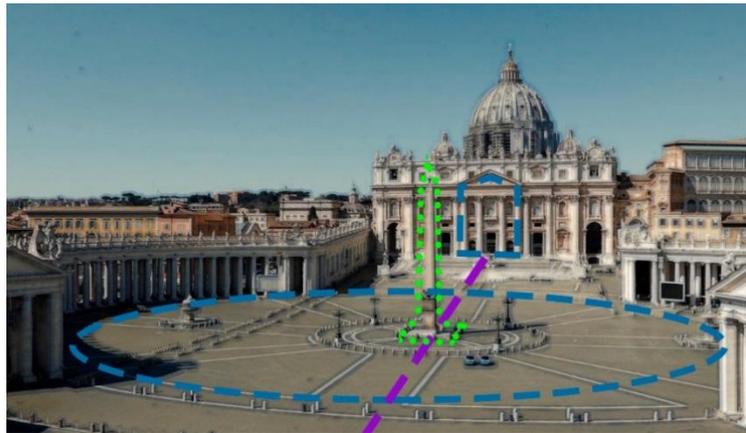
Figura 7: A Plaza de Mayo em Buenos Aires, monumento coincide com entrada da edificação e o eixo.



Fonte: adaptação dos autores.

⁶ Adro é o espaço aberto diante da igreja conventual. Existia uma série de atitudes proibidas nos adros das igrejas, a exemplo da prática do comércio e realização de jogos ou danças profanas (CARVALHO, 2014, p.110 e p.111).

Figura 8: Monumentos na Cidade do Vaticano, com eixo da edificação.



Fonte: adaptação dos autores.

A outra situação é quando o edifício não tem um caráter simbólico nem uma presença marcante na paisagem. Neste caso as edificações podem funcionar como pano de fundo dos elementos de destaque dos espaços livres. É comum encontrar monumentos e estátuas que são ressaltados por paredes de fundo. A estátua de Davi de Miguelangelo tem uma parede como fundo no Palazzo della Signoria em Florença (figura 09), entre outros exemplos menos conhecidos.

Figura 9: Palazzo della Signoria em Florença, monumentos como pontos focais e edificação como ponto de fundo.



Fonte: adaptação dos autores.

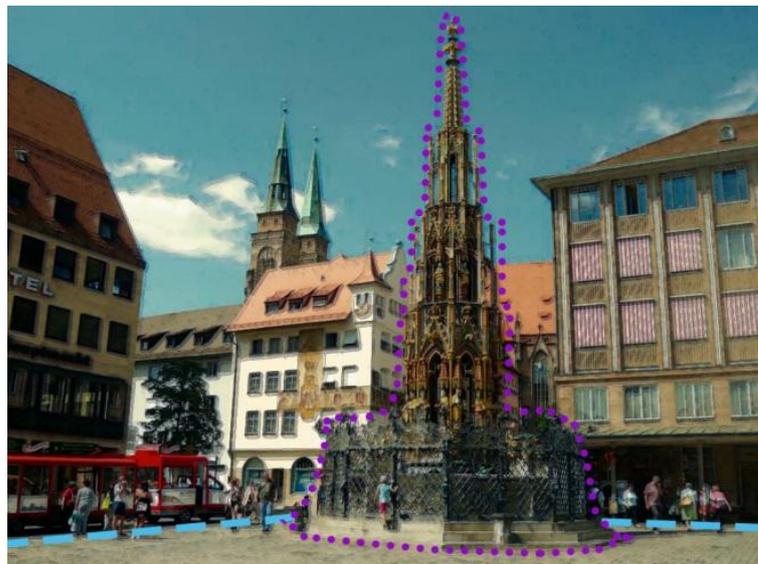
Os elementos de destaque e monumentos, mesmo não estando no centro dos espaços livres, podem participar de maneira efetiva na composição, tendo com papel efetivo na estimulação sensorial junto aos trajetos principais. Na disposição da “Plaza de las Platerias” em Santiago de Compostela (figura 10), assim como na “Schöne Brunnen” (Belo Chafariz) na praça do mercado de Nurembergue (figura 11), os chafarizes se encontram na parte mais exposta das praças, não interferindo nos fluxos de pedestres e veículos, em harmonia com as fachadas que lhes fazem fundo.

Figura 10: A “Plaza de las Platerias” em Santiago de Compostela é um exemplo de disposição de chafarizes, deslocados do centro das praças, este chafariz se coaduna perfeitamente as aspirações estéticas de Sitte.



Fonte: adaptação dos autores.

Figura 11: “Schöne Brunnen” (Belo Chafariz) na praça do mercado de Nurembergue, monumento como ponto focal.



Fonte: adaptação dos autores.

Aspectos da estruturação da cidade, a partir dos espaços livres, induzem à compreensão da cidade como uma teia formada por nós significantes, que podem ser trabalhados e enfatizados por elementos de destaque, salientando valores simbólicos em monumentos e edificações importantes.

Esta maneira de ver e organizar os espaços livres, assumida principalmente a partir do período barroco, como foi visto neste estudo, é até hoje recorrente no planejamento de cidades no mundo, enfatizando a monumentalidade com aspectos simbólicos e uma ideia de ordem e disciplina nos arranjos espaciais.

As conexões entre os espaços livres criam linhas de percepções que são enfatizadas pelos estímulos sensoriais, principalmente os visuais, podendo ter intensidades distintas gerando percepções únicas. Os efeitos perspectivísticos causados em ruas e caminhos ajudam na pregnância das visuais e produzem focos de visão que podem ser explorados para aumentar a identidade dos lugares.

Projetos podem explorar estes aspectos configurativos existentes em cidades exemplares, tidas como



arquetípicas, podendo ser implantados tanto ao relacionar espaços livres distintos, como na divisão e estruturação dos próprios.

3. Conclusão

A percepção da cidade é diretamente relacionada ao sistema dos seus espaços livres. Alguns arranjos espaciais são recorrentes em cidades tradicionais e enaltecem o caráter de destaque de determinados espaços, estabelecendo efeitos perspectivos que favorecem uma rede de conexões urbanas com caráter distinto e conteúdo significativo para a população. As praças e parques têm papel importante neste contexto e estão vinculadas a ideia de uma estrutura da cidade. Portanto, a estrutura urbana e sua percepção pode ser substancialmente melhorada, ou se tornar mais pregnante, quando é definida por arranjos espaciais que relacionam monumentos à vias, praças e parques.

Além da questão viária e da forma dos espaços livres, os elementos presentes nestes espaços também participam de maneira decisiva para a estimulação sensorial das pessoas, promovendo a pregnância da imagem como fator de referência espacial. A orientação e a identidade dos lugares são vinculadas a esta capacidade dos arranjos espaciais estabelecerem uma configuração espacial marcante.

Por outro lado, espaços livres importantes da estrutura urbana geram interesse e estimulam atividades urbanas em seu redor, preferencialmente associados às atividades importantes da “vida urbana pública”. Geralmente estão relacionados às edificações de destaque, sejam elas de caráter religioso, ou que exercem um papel importante para a funcionalidade e a própria paisagem da cidade.

Os casos apresentados abarcam diversos aspectos sobre os arranjos espaciais e seus elementos. Este estudo identificou a importância da estimulação sensorial na percepção urbana, em especial no tratamento paisagístico no interior dos espaços livres e, no relacionamento destes espaços livres importantes entre si, identificando como enfatizar e localizar elementos de destaque na paisagem urbana, de maneira a enriquecer o relacionamento dos utentes com o espaço público e enfatizar o caráter simbólico presente

Concluiu-se que a percepção e a construção de elementos de destaque que carregam conteúdo simbólico ajudam na identidade dos “lugares”, sendo mais do que sua mera configuração. Logo, as qualidades requeridas para os espaços livres dependem tanto das características formais, quanto da capacidade de aglutinar pessoas, seus respectivos interesses e significados compartilhados coletivamente. A abordagem da pesquisa foi baseada em exemplos urbanos em diferentes contextos e países (Brasil, Argentina, Chile, Espanha, Itália, França, Alemanha) e permitiu a identificação de determinados arranjos que são recorrentes e que carregam uma forte carga simbólica, com valores e representações facilmente assimiladas. Podendo ser reproduzíveis.

Observou-se a importância da construção de perspectivas urbanas, como no caso do Arco de Triunfo e o Eixo Monumental, arranjos estes capazes de enfatizar determinados espaços livres nas cidades. Também foi observado que estes espaços, geralmente praças e parques, podem ser subdivididos em uma escala menor voltada à experiência do pedestre. Por fim identificou-se a importância da inserção de elementos de destaque, em especial dos monumentos, como os casos da Porta de Toledo, Plaza de Mayo, Praça da República, Plaza de las Platerias e nas demais praças analisadas.

Observou-se que estes arranjos espaciais recorrentes salientam também a relação existente entre a inserção de elementos de destaque e o comportamento das pessoas, considerando as expectativas de exposição e reclusão dos usuários. Todas estas questões são importantes para as definições de projeto, pois estão relacionadas à maneira como o cidadão vai ver e se relacionar com os elementos de destaque dentro da estruturação interna de praças e parques.



Por fim, conclui-se que a relação estética entre o homem e os espaços livres é, por um lado, uma experiência sensorial relacionada à beleza e a estimulação sensorial, por outro lado guarda uma relação com a experiência funcional e simbólica que extrapola a experiência do deleite estético, constituindo o próprio relacionamento afetivo com a cidade.

4. Referências

- ARANTES, Otília. O Lugar da Arquitetura depois dos Modernos. São Paulo: EDUSP, 1993. v. 1. 248p.
- BENOUF, Alain. La mosaïciculture. Jardins de France, Paris, SNHF. n. 7, p. 11-17. Sept. 2001.
- CARVALHO, Juliano. Adros, Pátios E Cruzeiros: Movimento, teatro e persuasão. Cadernos PPG-AU/FAUUFBA. Ano 12, número especial 11, 2014.
- CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1983
- BACON, Edmund N. Design of cities. Mexico: Thames and Hudson, 1978.
- CESAR, Luiz Pedro M. Princípios Paisagísticos. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, FAU, 1997.
- CESAR, Luiz Pedro M. Visões de Mundo e Modelos de Paisagismo. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, CDS, 2003.
- FRAMPTON, Keneth. História Crítica de la Arquitetura Moderna. Barcelona, Ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1991.
- GREGOTTI, Vittorio. Território da Arquitetura. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1975.
- HOLANDA, Frederico. O espaço de exceção. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- HOLANDA, Frederico; PEREIRA, Rafael; MEDEIROS, Valério; BARROS, Ana. O uso da Sintaxe Espacial na análise do desempenho do transporte urbano: limites e potencialidades. In: PNUM. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2012. v. 2. p. 1503-1528.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. A Apreensão da Forma da Cidade. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.
- LIMA, Gabriela. Teoria da Gestalt: uma Aplicação de Conceitos na Arquitetura. Revista Thêma et Scientia – Vol. 4, no 1, jan/jun 2014.
- LYNCH, Kelvin. A Imagem da Cidade. Lisboa: Ed. Arte e Comunicação, 1960.
- MEDEIROS, José Marcelo M. Parques Lineares ao Longo de Corpos Hídricos Urbanos: Conflitos e Possibilidades; O Caso da Orla do Lago Paranoá – DF. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, FAU, 2016.
- MENEZES, Alexandre. Percepção, memória e criatividade em arquitetura. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.14 - n.15 - dezembro 2007.
- ROSSI, Aldo. The Architecture of the City. Cambridge: Mitt Press, 1982.
- SITTE, Camillo. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1993.



Luiz Pedro de Melo Cesar

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (1992), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (1997) e doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (2003). Atualmente é professor adjunto da Universidade de Brasília. Desde 2007 ministra as seguintes disciplinas: Vegetação Aplicada ao Paisagismo; Estágio especiais em Planejamento Urbano 2; Paisagismo Urbano; Estágio Docente; Seminário em Arquitetura e Urbanismo; Trabalho Programado 1, Seminário Temático; Estágio Docente 2; Projeto de Urbanismo 2; Introdução ao Trabalho Final de Graduação; Projeto de Diplomação 2; Trabalho Final de Graduação; Projeto Paisagístico 1; Ensaio de Teoria e História de Arquitetura e Urbanismo.

Contribuição de coautoria: fundamentação teórico-conceitual e problematização; pesquisa de dados e análise estatística; e redação do texto; seleção das referências bibliográficas; revisão do texto.

José Marcelo Martins Medeiros

Atualmente é professor efetivo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins e Professor convidado do mestrado/doutorado em Ciências do Ambiente da UFT (PPG - CIAMB). Faz parte dos seguintes grupos de pesquisa: "A Sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo" (FAU-UnB, coordenadora: Dra. Marta Romero), "Desenho Urbano Sustentável Participativo para a Cidade Resiliente : Estratégias para Políticas Públicas contra a Violência submetido para Cidadania, violência e direitos humanos" (FAU-UnB, coordenadora: Dra. Marta Romero) e "Grupo de Estudos em Desenvolvimento Urbano e Regional - GEDUR" (UFT, coordenadora: Dra. Lucimara Oliveira). Possui pesquisa individual: O lago, a Cidade e a Verticalização - conflitos e possibilidades ao longo da orla de Palmas (Curso de Arquitetura e Urbanismo - UFT). Áreas de interesse: projeto arquitetônico de funções complexas, projeto arquitetônico sustentável, eco-urbanismo, paisagismo ecológico e geotecnologias.

Contribuição de coautoria: fundamentação teórico-conceitual, elaboração de figuras e tabelas; fotos; elaboração e redação do texto; seleção das referências bibliográficas; revisão do texto.

Como citar: MELO CESAR, Luiz Pedro de; MEDEIROS, José Marcelo M. A Cidade como uma Rede de Paisagens Estimulantes: Considerações sobre a Composição dos Espaços Livres, seus Elementos de Destaque e Monumentos. Revista Paranoá. n.31. Jul/dez de 2021. DOI: <http://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n31.2021.02>

Editores responsáveis: Maria do Carmo Lima Bezerra e Carolina Pescatori